



Gelbart Souza Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, objetiva-se identificar a presença do povo fenício na obra em latim *Ephemeris belli Troiani* (IV d. C.), romance antigo que trava intensa intertextualidade com o mito troiano, em especial com Homero. Quanto ao povo fenício, essa obra conserva a sua tradicional conexão com o mar, com a navegação e com a riqueza e acentua a sua figuração histórica como grandes comerciantes. Especial interesse há na identificação do uso do alfabeto fenício na estrutura ficcional de *Ephemeris*. Observa-se que a inserção desse elemento de historicidade reforça a construção da verossimilhança da narrativa ficcional como uma crônica de guerra de uma testemunha ocular dos fatos narrados.

**Palavras-chave:** *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*; Guerra de Troia; Fenícios; alfabeto fenício.

**Abstract:** This article aims to identify the Phoenicians' representation in the Latin ancient novel *Ephemeris belli Troiani* (fourth century AD), work in which there is an intense intertextuality with the Trojan myth, especially with Homer. As regards the Phoenician people, *Ephemeris* conserves the traditional Phoenician connection with the sea, navigation, and wealth, reinforcing their historical figuration as great merchants. Above all, it is important to characterize the use of the Phoenician alphabet in the fictional structure of *Ephemeris*. Through the insertion of this element of historicity, it is possible to observe the enhancement of verisimilitude of fictional narrative as a war chronicle of an eyewitness of the facts.

**Keywords:** *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*; Trojan War; Phoenicians; Phoenician alphabet.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo identificar la presencia del pueblo fenicio en la obra latina *Ephemeris belli Troiani* (IV d. C), una novela antigua que tiene una intensa intertextualidad con el mito troiano, especialmente con Homero. *Ephemeris* conserva la conexión tradicional del pueblo fenicio con el mar, con la navegación y con la riqueza, e también resalta su figuración histórica como grandes comerciantes. Es igualmente interesante la identificación del uso del alfabeto fenicio en la estructura ficticia de *Ephemeris*. Es posible notar que la inserción de este elemento de historicidad refuerza la verosimilitud de la narrativa ficticia como una crónica de guerra de un testigo ocular de los hechos narrados.

**Palabras clave:** *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*; Guerra de Troya; Fenícios; alfabeto fenicio.

Dossiê

1 Doutorando em Letras pela UNESP/IBILCE, com mestrado pela mesma instituição. E-mail: gelbart.silva@gmail.com. Agradecimento a CAPES pelo financiamento.



Participante do ramo semita ocidental, em um subgrupo ao lado dos hebreus, moabitas e ugaritas, o povo fenício estabelece-se na História da humanidade com um longo mas fragmentado percurso. A Fenícia, uma estreita faixa costeira entre as montanhas do Líbano e o Mediterrâneo (KOTSONAS, 2013), não era uma nação com unidade política dotada de um só ente governante, mas uma confederação de cidades que tinha em cada uma delas um rei independente, embora houvesse hegemonia de Tiro e, posteriormente, de Cartago. Segundo Kotsonas (2013), por volta de 1200 a. C., as movimentações generalizadas no Oriente Próximo gerou um cenário político que, no entanto, não afetou os padrões das cidades fenícias. Sídon, Tiro, Biblos e Berito ainda ocupavam pequenos promontórios, enseadas naturais e ilhotas, além de ainda se manterem fortemente pelo comércio marítimo. Segundo o mesmo autor, os produtos fenícios geravam grande sucesso e bastante lucro em toda a Antiguidade, como o cedro das montanhas do Líbano, artesanatos artisticamente trabalhados como móveis em marfim, vasos de metal, joias, faiança, bijuterias de vidro e, essencialmente, os tecidos de cor púrpura, cujo pigmento era obtido a partir do molusco do gênero *murex*. A partir da renomada cor desse produto têxtil que os gregos teriam chamado esse povo de Φοινίκησ e sua nação Φοινίκη (AUBET, 2001, p. 6-7; KOTSONAS, 2013, p. 5297).

Há, ainda sobre esse nome, outras questões e hipóteses. Aubet (2001, p. 10) comenta que para “fenícios” e “Fenícia”, apesar de nomenclaturas atestadas já na época de Homero, não há comprovação de correspondente fonético em outras línguas orientais, além do fato de que os judeus chamavam os fenícios “sidônios” e talvez tivesse sido esta nomenclatura que os fenícios assumiram. Corroboram para essa hipótese também as referências a sidônios que podem ser lidas em Homero, embora se perceba certa distinção. Essa distinção estabeleceria os sidônios como sedentários e produtores de bens ao passo que fenícios como transportadores e mercadores, o que pode ser compreendido pela seguinte passagem, que é, até onde se conhece hoje, a mais antiga que cita textualmente o nome “fenícios”:

Em seguida colocou o Pelida os prêmios da rapidez de pés:  
uma bacia de prata, bem trabalhada, que levava seis medidas;  
pela beleza vencia de longe qualquer outra da terra,  
visto que a tinham forjado os Sidônios, excelentes artífices,  
e homens Fenícios a tinham trazido sobre o mar nebuloso;  
(HOMERO, *Iliada*, XXIII, 740-744, trad. Frederico Lourenço)



Por outra parte, Beekes (2004, p. 181) aponta que o povo a que os gregos apelidaram “fenício” chamavam-se a si próprios cananeus. Segundo o estudioso, há de se levar em conta, por exemplo, a menção de Herodiano que afirmou ter Hecateu usado a forma  $\chi\nu\alpha = \eta \text{ φοινίκη}$ . Na mesma esteira, Aubet (2001, p. 10) explica que, em hebraico, *cana'ani* ou *kina'nu* significaria “mercador”, podendo ser, por conseguinte, Canaã sinônimo para “terra de mercadores”, profissão pela qual os fenícios eram reconhecidos. Ainda sobre esse ponto, a autora explica que Filo de Biblos menciona ter havido um personagem histórico cujo nome era Chnas ou Chanaan, o qual, mais tarde, recebeu um novo nome, “Phoinix”, e uma alcunha, “pai dos fenícios”. Dessa forma, o mítico grego Fênix teria sido uma transcrição do epônimo de um herói semítico, Canaã, filho de Cão e pai de Sidom (Cf. **Gênesis**, 9:18; 10:15). A partir desse fato, Aubet (2001, p. 11) considera que a designação “canaanita” seja a antecessora de “fenício”, havendo como argumento o fato de que os povos vizinhos da Ásia e do Egito, à época, assim se referiam a esse povo, continuando já em tempos de dominação romana e ainda mais tarde.

Dessa dificuldade, desde o estabelecimento de um termo para identificação até a determinação de fatos históricos, é que emerge o mosaico daquilo que se entende por povo fenício. De qualquer forma, a literatura — principalmente a de ficção, que sempre empresta da realidade ingredientes históricos e converte-os artisticamente em símbolos — serviu para fixar o que desse povo houve de mais característico. Refere-se aqui à arte da navegação e à criação do alfabeto. Homero, por exemplo, assim alude a essa população: “[...] varões fenícios, famosos pelas naus, velhacos, trazendo milhares de adornos na negra nau.” (HOMERO, **Odisseia**, XV, 415-416), o que corrobora com a descrição esboçada acima, na qual se acentuou que os fenícios eram exímios comerciantes dos mares. A margem de expansão que os fenícios navegaram chegou até os iberos, de forma que o nome *Spania* (ou *Span*) teria sua origem em palavra fenícia que significasse “terra afastada” ou “terra mal conhecida”. A essa tradição se filia Alexandre Herculano em sua *História de Portugal*, na qual se confere origem fenícia também a outros espaços geográficos da península, a citar *Tejo* (*Tagus*), de *daçi* (piscoso) e *Lusitânia*, de *luz* (amêndoas) ou de *luzi* (cheio de amendoeiras), somado à referência ao rio *Ana*, de *ana* (ovelha) (DE SOUZA, 1963, p. 323). A esse respeito, também afirma Aubet (2006) que a arqueologia atesta a ampla colonização fenícia (nos séculos IX-VII a. C.) notada na Península Ibérica, cujo número de colônias superaria qualquer outra região do Mediterrâneo centro-ocidental. Esses e outros estudos mitigam o problema da “invisibilidade da presença fenícia” nessa região e mostram os impactos culturais decorrentes dessa presença (ARRUDA, 2008).



Por fim, sobre o alfabeto, Heródoto (**Histórias**, V, LVIII) informa que foram os fenícios que acompanhavam Cadmo a introduzirem vários conhecimentos na Grécia, dentre os quais estavam as letras até então desconhecidas. Os gregos, ainda segundo o “pai da História”, apropriaram-se desse conhecimento do alfabeto e passaram a transformá-lo por influência da língua grega. Deram aos caracteres o gentílico “fenícios”. O historiador ainda reporta que reconheceu e conheceu as letras divulgadas por Cadmo em Tebas, na Beócia, tanto que as citou em sua pesquisa (HERÓDOTO, **Histórias**, V, LIX, LX, LXI).

Levando em consideração esses aspectos caracterizadores do povo fenício, este artigo objetiva identificar se e como ele aparece em *Ephemeris belli Troiani* (*Diário da guerra de Troia*), narrativa que reconta o arco do mito troiano desde a eclosão da intriga na fuga de Helena com Páris até a volta dos vitoriosos reis gregos à terra natal e seus destinos finais. Antes de trabalhar com seus trechos, vale uma breve introdução sobre a obra.

*Ephemeris belli Troiani* (doravante, apenas referida como *Ephemeris* ou *Diário*) é uma obra em latim datável do século IV d. C., que narra a batalha entre gregos e troianos pela posse da formosa Helena, rainha de Esparta e esposa de Menelau, que fugiu com o príncipe troiano Páris Alexandre. Essa narração ocorre em primeira pessoa pelo soldado grego de nome Díctis. A Guerra de Troia, que se supõe ter ocorrido por volta do século XII a. C., ficou primordial e amplamente conhecida graças aos célebres versos de Homero. No entanto, no campo literário, diversos outros autores, tanto gregos quanto romanos, trataram desse tópico em gêneros variados, desde a epopeia, com os poetas cíclicos e Virgílio, até os compêndios mitológicos de Apolodoro e Higino, sem se esquecer da evidente contribuição do drama com Êsquilo, Sófocles e Eurípides (YOUNG, 1948; THOMPSON, 2004), apenas para citar alguns. *Ephemeris* trava, assim, relação intertextual não só com Homero, mas com todo um acervo de narrativas que abarca os mais variados e plurais pontos de vista e versões de um mesmo e suposto evento histórico submetido a um engalanado aparato criativo-poético (SILVA, 2019).

A obra em latim de *Ephemeris* que chegou aos nossos dias é, na verdade, uma tradução de um texto escrito originalmente em grego por volta do século II d. C., cujo estado hoje é fragmentado. O conteúdo que se conhece dos fragmentos revela que a tradução latina é parafrástica (PEINADO, 2015) e que tende a uma romanização, no sentido de tornar o texto linguística e estilisticamente ao gosto romano (MERKLE, 1999). Como é editada modernamente, a obra latina compõe-se de três elementos: uma epístola, um prólogo e o texto narrativo. A epístola é assinada por um suposto tradutor romano sobre o qual



nada se pode afirmar com certeza. O tradutor, nomeado Lúcio Septímio, destina sua missiva a um Quinto Arádio Rufino (cuja identidade, apesar de haver suposições, também nos é obscura) e apresenta de que modo o texto supostamente escrito por Díctis foi conservado e chegou a suas mãos e ainda por qual motivo se colocou a traduzi-lo. Para Septímio, o texto de Díctis, por ser obra de um soldado participante da guerra, ganharia um largo aval de confiabilidade como material histórico, motivo crucial para que o vertesse à língua latina com o fito de conservá-lo e repercuti-lo. No prólogo, que é alógrafo e não assinado, apresenta-se parcialmente o mesmo conteúdo que consta na epístola de Septímio, excetuada a parcela acerca da tradução. Assim, narra-se, em terceira pessoa, que Díctis, um soldado cretense que lutou na armada comandada pelo grego Idomeneu, recebeu deste a responsabilidade de compor os anais da guerra, o que fez diligentemente. Uma vez findado o longo prélio e tendo os gregos retornado com vitória à pátria, Díctis, ao fim de sua vida, ordena como último desejo que os anais fossem com ele sepultados, ordem cumprida religiosamente. Séculos mais tarde, em razão de um terremoto, seu sepulcro abre-se e pastores que casualmente por ali passavam puderam encontrar o cofre no qual o texto fora encerrado. Acreditando que haviam encontrado algum tesouro, os homens abrem a caixa e, contra a expectativa, encontram apenas anais escritos em um alfabeto para eles estranho. Os pastores, em seguida, levam o achado até seu superior, e este o envia a Nero, então imperador. Nero, por sua vez, convoca diversos especialistas para interpretarem o artefato e descobre que o texto é uma crônica de guerra de um soldado grego e, por esse motivo, ordena que se edite o texto conforme o alfabeto vigente e que ele fosse guardado em sua biblioteca. É ao fruto dessa edição que seria acrescentado o “prólogo”, uma vez que Díctis, já à altura morto, não poderia assim o produzir nem mesmo ser conhecedor dos acontecimentos póstumos. E é sobre esta edição que Septímio promove sua tradução. No entanto, cabe apontar que toda essa trajetória do texto, desde um Díctis que participou da guerra até Nero conservando o texto em sua biblioteca, é ficção de uma mente grega do século II d. C., que enfeixou em seu romance elementos filológicos críveis para a construção de um “efeito de real” (BARTHES, 1972) com a intenção de forjar um documento histórico (GUDEMAN, 1894), tópico nada incomum nas narrativas literárias, em especial as ficções históricas (GARCÍA GUAL, 1996). Apenas a tradução para o latim se provou real.

Por fim, o texto narrativo em primeira pessoa conta a guerra desde sua eclosão com a paixão entre Helena e Páris Alexandre até a queda de Troia e o destino dos reis gregos após o retorno ao lar. Essa narrativa se constrói com



uma prosa simples, com os fatos organizados em ordem cronológica e narrados em um estilo sóbrio e com pouquíssimos ornamentos, não apresentando embelezamento artístico-literário (MERKLE, 1999), características intencionais que reforçam a ficcionalização de um soldado cronista. Vega e López (2001) consideram *Ephemeris* um texto híbrido, pois essa obra encerraria em si características da epopeia (o argumento mitológico), da historiografia (ordenação cronológica, sobriedade na narração, afastamento crítico dos elementos sobrenaturais) e do romance (ênfase no humano e no amoroso). Em linhas gerais, no entanto, pode-se considerá-la, guardadas as devidas proporções, como um “romance histórico de tema mitológico”, porque pratica a racionalização dos mitos troianos cantados pelos poetas e converte-os ao discurso histórico (PEINADO, 2015; MOVELLÁN LUIS, 2015; SILVA, 2019).

## II. FENÍCIOS EM *EPHEMERIS BELLI TROIANI*

Em *Ephemeris*, os fenícios aparecem algumas vezes (capítulos I, 16; IV, 4; VI, 5; VI, 10). A primeira citação, no entanto, pode-se extrair de I. 2. Nesse episódio, com o qual se inicia a narrativa, os descendentes do rei Minos reúnem-se em Creta para a partilha dos bens do então falecido patriarca e rei Atreu. Os descendentes de Europa os recebem e os tratam com pompa. Conduzidos ao templo, realizam um sacrifício solene e faz-se um banquete.

Os reis da Grécia aceitavam tudo com a mesma alegria com que lhes era ofertado. Muito mais se impressionavam com a magnífica beleza do templo e com os ricos detalhes da estrutura. Enquanto examinavam, lembravam cada coisa que fora enviada de Sídon por Fênix, pai [de Europa], e por nobres matronas, para servir de majestoso adorno. (*Ephemeris*, I, 2)<sup>2</sup>

Comentam Vega e López (2001) que esse Fênix, na versão mais comum, era irmão (e não pai) de Europa, sendo, na verdade, filha de Agenor, rei de Sídon (ou de Tiro), que havia sido raptada por Zeus metamorfoseado em touro (cf. GRIMAL, 2005, p. 15; 161). Fênix é, em *Ephemeris* (I, 9), filho de Agenor. Segundo os comentadores, seria um exemplo de racionalização do mito, pois a amostra dos bens oferecidos comprovaria que não houve sequestro divino,

2 As passagens em português do *Diário* que se apresentam neste artigo são adaptadas a partir da tradução acadêmica de Silva (2019). *Reges Graeciae etsi ea, quae exhibebantur, cum laetitia accipiebant, tamen multo magis templi eius magnifica pulchritudine pretiosaque exstructione operum afficiebantur, inspicientes repetentesque memoria singula, quae ex Sidona a Phoenice, patre eius, atque nobilibus matronis transmissa magno tum decori erant.*



mas consentimento paterno. Cabe, pois, notar a especificação da beleza da ornamentação que chega a deixar os reis estupefatos, obras oferecidas por nobres matronas de Sídon. Não seria absurdo encontrar nessa especificação um eco homérico, haja vista que no já citado canto XV da *Odisseia*, agora nos versos 417-418, caracteriza-se uma mulher fenícia como “conhecedora de radiantes trabalhos”.

A seguir, no *Diário*, narra-se a paixão de Alexandre por Helena e o seu crime contra o direito sagrado de hóspede (*hospitio*, ξενία), caracterizado no grau absoluto como *indignissimum facinus* (*Ephemeris*, I, 3). Ao saber que sua esposa e bens palacianos foram levados, Menelau convoca os reis gregos e, por decisão em assembleia, resolve-se que seja mandada uma embaixada a Troia a fim de resolver o assunto pacificamente, missão da qual tomaram parte Ulisses, Palamedes e o próprio Menelau. Contudo, não encontram Alexandre, já que este havia atravessado ventos contrários que o impeliram para Chipre, de onde partiu para a costa fenícia, local em que repete o mesmo crime cometido em Esparta: uma vez recebido como hóspede pelo rei local, fere o pacto, mata o anfitrião e pilha o reino. Também esse referido episódio encontra respaldo em Homero e acentua o caráter artístico do povo fenício. Não há, porém, como o trecho a seguir mostra, nenhuma menção ao crime por Alexandre cometido.

Mas [Hécuba] desceu até à perfumada câmara de tesouro,  
onde estavam as suas vestes ricamente bordadas,  
trabalho de mulheres Sidônias, que da Sidônia trouxera  
o próprio Alexandre divino, quando navegou o mar vasto  
naquele caminho em que trouxera a nobre Helena.  
(HOMERO, *Ilíada*, VI, 288-292, trad. Frederico Lourenço)

Esse crime de Alexandre repercute em outro episódio, de cuja ação os fenícios ocupam o centro. No livro VI, 4 de *Ephemeris*, narra-se a chegada de Mêmnon, filho de Titono e Aurora, com sua tropa formada de etíopes em auxílio ao rei troiano Príamo. No entanto, uma parte do exército de Mêmnon foi confiada a um tímoneiro de nome Falas, que se dirige a Troia por mar. Nesse ínterim, a frota guiada por Falas aporta em Rodes e os marinheiros descobrem ser aquela região aliada dos gregos. Por esse motivo, não desembarcam e se dirigem tão logo a cidades vizinhas, Camiro e Iáliso, em razão do medo de terem os navios incendiados pelos ródios. Mais tarde, porém, os habitantes de Rodes acusam Falas de negligência e traição, haja vista que Alexandre tinha há pouco devastado sua pátria Sídon e, mesmo assim, estava disposto a prestar ajuda aos troianos. Logo:



Para excitar os ânimos do exército [guiado por Falas], [os ródios] garantem que eles não se mostravam diferentes dos bárbaros, já que defendiam ação tão indigna. Muitas outras coisas expuseram, as quais serviam para acender a turba e para captá-la em seu favor. Isso não foi em vão, uma vez que os fenícios, que estavam em grande número naquele exército, muito agitados com as querelas dos ródios, ou pelo desejo de disputar a posse das riquezas que haviam transportado consigo, matam Falas por lapidação e repartem entre si o ouro e o restante dos despojos, distribuindo-os entre as cidades supracitadas. (*Ephemeris*, IV, 4).<sup>3</sup>

Nessa passagem, o narrador Díctis expõe uma dupla explicação para a causa da ação dos fenícios (*Phoenices*), demonstrando preocupar-se criticamente com a veracidade dos fatos narrados e sua sequência causal. Se, por um lado, estariam eles movidos pelas acusações dos ródios contra o timoneiro Falas, por outro agiriam impelidos pela avareza, tópico que, de fato, é frequente na narração de *Ephemeris* (SILVA, 2019).

Por fim, mais duas cenas no *Diário* referem-se aos fenícios, ambas localizadas na parte do romance referente aos *retornos* (νόστος). Cabe, antes de remeter aos episódios, alertar que todo o sexto livro é resultado da adaptação romana durante o processo de tradução de Septímio. Na epístola que serve de prefácio à sua tradução, Septímio afirma que resumiu toda a narração restante do original, que se estenderia por mais cinco livros, em apenas um, embora não tenha declarado o motivo pelo qual assim o fizera.

Nos episódios que concerniriam a *Odisseia* homérica, um passo é assim resumido no *Diário* de Díctis:

Por esse mesmo tempo, Ulisses foi impelido a Creta com dois navios dos fenícios, conseguidos por meio de acordo a soldo, pois de fato perdera os seus próprios, com seus aliados e também tudo o que havia obtido de Troia, em razão do ataque de Télamon, evidentemente hostil por causa da morte suscitada por ele ao filho; com custo Ulisses salvou-se pela própria inteligência. E, tendo sido sondado por Idomeu por quais causas havia caído em tamanha desgraça, ele começou a narrar o princípio da sua errância. [...] (*Ephemeris*, VI, 5).<sup>4</sup>

3 *Quo animos exercitus permoverent, confirmare haud dissimiles barbarorum videri eos, qui tam indignum facinus defenderent. Multa praeterea, quae accensura vulgum et pro se facturi essent, disserere. Quae res haud frustra fuit. Phoenices namque, qui in eo exercitu plurimi aderant, permoti querelis Rhodiorum an cupidine diripiendarum rerum, quas secum advexerant, Phalam lapidibus insecuti necant distributique per supradictas urbes aurum ac reliqua praedae inter se dispartiant.*

4 *Per idem tempus Ulixes Cretam appulsus est duabus Phoenicum navibus mercedis pacto acceptis, namque suas cum sociis atque omnibus, quae ex Troia habuerat, per vim Telamonis amiserat scilicet infesti ob inlatam per eum filio necem, vix ipse liberatus industria sui. Percontantique Idomeneo, quibus ex causis in tantas miserias devenisset, erroris initium narrare occipit [...].*



Segundo Vega e López (2001, p. 356) comentam, não há outras fontes que atestem o ataque de Télamon nem o aluguel de naus fenícias feito por Ulisses para que navegasse em direção a Creta, embora essa transação possa ser compreendida, mesmo que um tanto obscura, na passagem em que Odisseu em conversa com Atena diz “palavras plumadas”, escondendo da deusa a verdade: “de pronto fui a uma nau, a ilustres fenícios / supliquei e parte do butim, para seu gáudio, lhes dei;” (HOMERO, *Odisseia*, XIII, 272-273). Ainda sobre esse episódio do *Diário*, Ulisses, ao reportar a Idomeneu suas desventuras marítimas, conta ter atravessado o mar extremamente perigoso entre Cila e Caríbdis, que lhe rendeu a perda de grande parte de sua frota e de homens, e ter chegado às mãos de piratas fenícios, por cuja compaixão fora salvo e conservado.

Por fim, a última citação em que aparecem os fenícios (*Ephemeris*, VI, 10) ocorre no episódio em que Hímera, irmã de Mêmnon, busca recuperar as cinzas e os bens do falecido irmão que haviam ficado aos cuidados dos marinheiros que mataram o timoneiro Falas. É com a ajuda dos fenícios que a moça consegue realizar seu desejo. Ela, então de posse da urna do irmão, navega à Fenícia com o fito de sepultá-lo em Faliotis; uma vez sepultado Mêmnon, magicamente a moça some da face da terra.

Essa breve identificação concernente a passagens de fenícios na narrativa do *Diário* permite observar que todas estão relacionadas ao mar e a posses de bens valiosos, o que certamente é amostra da cristalização da população fenícia como mercadores do mar (ou mesmo piratas).

### III. CONSCRIPSIT LITTERIS PUNICIS

O alfabeto fenício no *Diário* participa da construção da ficcionalização da narrativa, servindo de ingrediente para o pseudo-documentarismo (NÍ MHEALLAIGH, 2008). Não há como tratar deste romance sem mencionar brevemente a discussão de seus paratextos e da trajetória real e ficcional do texto na sua questão material. É de suma importância, antes de tudo, distinguir que as três partes que compõem a obra latina (epístola, prólogo e texto narrativo) apresentam três vozes diferentes: uma real, duas ficcionais. A primeira voz ficcional é a de Díctis no texto narrativo no qual há o registro do embate entre gregos e troianos em forma de crônica de guerra. Esse soldado havia participado do prélio na tropa grega de Idomeneu, do qual recebera a ordem para compor os anais da guerra. Díctis congrega, assim, três instâncias narrativas a um só tempo: a de personagem, a de narrador e também a de autor (SILVA, 2019). Não sem razão, e em corroboração do estilo histórico a que o *Diário* se



mostra tender, diversas vezes o narrador explicita a organização do conteúdo narrado, bem como a fonte de suas informações, frisando ter ouvido de alguém ou ter ele mesmo passado pelos eventos que transmite à memória, situação que o configuraria fonte de crível fidelidade. É um personagem-narrador observador na maioria das vezes, participando como agente apenas em um episódio em que consulta o oráculo de Delfos para conhecer o remédio para a praga que àquela altura assolava Creta (*Ephemeris*, VI, 10). A outra voz ficcionalizada é a que explica como se engendrou o texto de Díctis e qual foi seu trajeto até o momento em que chegou à biblioteca de Nero. Pode-se nomear essa voz como “editor”. Por fim, a voz que se supõe verdadeira seria a do romano Septímio, o tradutor do texto narrativo de Díctis, que se apresenta e expõe também a trajetória do texto em uma epístola endereçada a um amigo seu, Quinto Arádio Rufino. Porque se deseja focar em um aspecto particular da ficcionalização dessa obra, não haverá espaço aqui para discutir as questões filológicas e outras implicações e complicações sobre os percalços material e ficcional do texto de *Ephemeris* (cf. GRIFFIN, 1907; LAPINI, 1997; MOVELLÁN LUIS, 2015; PEINADO, 2015; SILVA, 2019). Saliente-se, apenas, que é a partir dessa distinção de vozes que se procederá ao exame da presença e função do alfabeto fenício na narrativa do *Diário*. Objetiva-se descrever essa presença e, seguindo a discussão de Ní-Mheallaigh (2013), tratar das possíveis interpretações que podem ser feitas no que tange ao jogo tenso entre real e ficcional no *Diário*.

Primeiramente, é necessário recordar que sobre a criação da escrita, por que situada em um passado remoto, pairou um atmosfera mítica. Os antigos povos, segundo expõe Cagliari (1998, p. 9), “atribuíam a invenção da escrita a deuses (como Thot no Egito, Brahma na Índia, Odin na Escandinávia, etc.) ou a sábios (Tsáng Chieh e Chü-sung, na China, Kublai Kahn, na Mongólia, etc.)”. Não diferentemente os gregos, mas com a peculiaridade de que não se pode afirmar se a ação de Cadmo é mais lenda do que história. Mas não foi Cadmo o único cogitado de ter sido o sábio inventor da escrita. Grimal (2005, p. 348) anota que a tradição confere a Palamedes, filho de Náuplio e Clímene, também partícipe da Guerra de Troia, a invenção de alguns caracteres do alfabeto ou, pelo menos, a ordenação das letras popularizadas por Cadmo. Cagliari (1998, p. 46), traçando brevemente a história do alfabeto grego, explica, com humor, que “o grego arcaico já tinha sido escrito com os caracteres silábicos de Creta (escrita linear B) e com o de Chipre, na época micênica (c. 1500 a. C.). Depois, aparentemente, os gregos deixaram de escrever por cerca de 800 anos!”. Remetendo-se à exportação das letras fenícias, Heródoto conta que

Os Fenícios que haviam acompanhado Cadmo e no número dos quais



figuravam os Gefireus, introduziram na Grécia, durante sua permanência nesse país, vários conhecimentos, entre eles os alfabetos que eram, na minha opinião, até então desconhecidos no país. A princípio, os Gregos fizeram uso dos caracteres fenícios, mas, com o correr do tempo, as letras foram-se modificando com a língua e tomaram outra forma. Como os países circunvizinhos fossem, então, ocupados pelos Iônios, estes adotaram os caracteres fenícios, com ligeiras modificações. Achavam justo que lhes dessem o nome de caracteres fenícios, por terem sido introduzidos pelos fenícios da Grécia. (HERÓDOTO, *História*, V. LVIII, trad. J. Brito Broca)

Cagliari (1998) avalia que, se for lendária a figura de Cadmo, não o é o fato de os gregos terem se apropriado do alfabeto fenício. Assim, não obstante algumas incertezas de ordem arqueológica,

a escrita grega devia ser bastante popular já no séc. VI a.C., uma vez que foram encontradas inscrições gregas dessa época, feitas por soldados mercenários junto às estátuas de Abu Simbel no Egito. No século III a.C., apareceram referências ao nome da escrita como sendo *phoinikeia grammata* – que quer dizer “letra fenícia”; ou ainda, *alpha kai beta, tò alphabeton* – referindo-se ao conjunto de letras, mostrando claramente a origem semítica das mesmas. (CAGLIARI, 1998, p. 47)

Dessa forma, é certo afirmar que o alfabeto grego teve como modelo o fenício.

No *Diário*, a referência ao alfabeto fenício aparece nas três divisões. Iniciando pela voz do narrador, pode-se encontrar a menção à escrita fenícia na seguinte passagem, em que se promove a eleição de Agamêmnon como comandante supremo:

Depois, no templo de Juno Argiva, foi oportuno declarar um comandante supremo. Por conseguinte, em pequenas tábuas que foram tomadas para eleger o principal da guerra, o qual lhes parecesse ideal, todos designam, em letras púnicas, o nome de Agamêmnon. (*Ephemeris*, I, 16)<sup>5</sup>

A expressão “em letras púnicas” (“*Punicis litteris*”) é a romanização do termo “em letras fenícias”, pois, como ensina Kotsonas (2013), a palavra “púnico” é o correspondente de “fenício”, significando “rubro”, e é também comumente usada para designar a cultura das colônias fenícias no Mediterrâneo central

<sup>5</sup> *Dein in templo Iunonis Argivae rectorem omnium declarari placuit. Igitur singuli in tabellis, quas ad deligendum belli principem quem cuique videretur acceperant, Punicis litteris Agamemnonis nomen designant.*



e ocidental. Sendo assim, o anônimo autor de *Ephemeris* evidentemente com essa passagem localiza a situação da escrita grega no momento em que ainda se escrevia o idioma por intermédio dos caracteres fenícios. Marcam-se nessa passagem o conhecimento e o domínio dos gregos no que se refere ao alfabeto exportado da Fenícia.

Ainda sob a voz de Díctis, há a passagem na qual ele mesmo declara, com um pouco mais de detalhe, o ambiente linguístico no qual os gregos estavam inseridos. A seguinte passagem fecha o livro V e marca a quebra formal entre a narração dos eventos bélicos e a narração dos retornos dos gregos, no resumido livro VI.

Esses fatos, eu, Díctis de Cnossos, companheiro de Idomeneu, compus com o estilo que dentre tão diversos modos de se expressar melhor eu pude conseguir e exprimir com o alfabeto púnico trazido por Cadmo e Dânao. E não seja de se admirar que, ainda que sejamos todos gregos, valemo-nos, no entanto, de diversos falares, quando nem nós, sendo da mesma e única ilha, usamos de língua similar, mas, sim, uma vária e misturada. (*Ephemeris*, V, 17)<sup>6</sup>

Mais uma vez há a referência ao alfabeto púnico (*Punicis litteris*), mas agora se determina o responsável, ou melhor, os responsáveis pela sua importação: Cadmo e Dânao. Ora, essa parceria de Cadmo e Dânao parece fazer confluir para um mesmo texto duas origens diversas das letras fenícias (CIOLFI, 2015, p. 670). Uma vez que já aqui apontada a vertente de Cadmo, cabe explicar brevemente a de Dânao: segundo informa Ciolfi (2015), Anaximandro e Hecateu, ambos oriundos de Mileto, afirmam que teria sido Dânao a levar a escrita do Egito à Grécia. Contudo, esse personagem, como se verá, parece olvidado nas referências ao alfabeto fenício contidas no prólogo e na epístola. Cabe, no entanto, antes da análise das demais referências, observar que nessa mesma passagem acima descrita, o narrador Díctis expõe que a língua da qual os gregos se utilizavam não era homogênea, mas plural, nem mesmo na ilha de Creta (*cum ne nos quidem unius eiusdemque insulaesimili lingua sed varia permixtaque utamur*; *Ephemeris*, V, 17), podendo ser esta cidade assumida, portanto, como “un paraíso de linguas compartidas”, como caracteriza De Fasano (2019, p. 125). Esse pode ser uma alusão tanto ao contexto de efervescência político-cultural do período quanto a uma situação linguística que não havia

<sup>6</sup> *Haec ego Gnosius Dictys comes Idomenei conscripsi oratione ea, quam maxime inter tam diversa loquendi genera consequi ac comprehendere potui, litteris Punicis ab Cadmo Danaoque traditis. Neque sit mirum cuiquam, si quamvis Graeci omnes diverso tamen inter se sermone agunt, cum ne nos quidem unius eiusdemque insulaesimili lingua sed varia permixtaque utamur.*



ainda sido padronizada. Além disso, no *Diário*, vale mencionar que, em contraposição à língua grega, Díctis caracteriza como bárbara a língua dos troianos, assim como seus costumes (*lingua moribusque barbari*; *Ephemeris*, I, 7).

No prólogo, Dânao não aparece, como já alertado. Leia-se a passagem:

Houve um Díctis, cretense de origem, da cidade de Cnossos, contemporâneo dos Atridas, versado em linguagem e letras fenícias, as quais foram trazidas por Cadmo à Acaia. Ele foi um dos aliados de Idomeu, filho de Deucalião, e de Meríones, filho de Mólón, comandantes que vieram com um exército conta Ílion; deles recebera ordens para compor os anais da guerra de Troia. Por conseguinte, sobre tílias dispôs com letras fenícias nove volumes sobre toda a guerra.

[...] Então, Nero, recebendo-os e percebendo que estavam em alfabeto púnico, mandou vir a ele peritos no assunto. Logo que chegaram, eles interpretaram tudo. E, como Nero tomasse conhecimento de que aquela era uma obra de um antigo homem que estivera em Ílion, mandou que ela fosse transcrita para o idioma grego, a partir do qual o texto mais verdadeiro sobre a guerra de Troia tornou-se conhecido a todos. (*Ephemeris*, Prólogo)<sup>7</sup>

Ao contrário do que aparece no texto narrativo, no prólogo do “editor”, há a ocorrência tanto de “letras fenícias” (*litterarum Phoenicum*; *Phoeniceis litteris*) quanto “letras púnicas” (*Punicas litteras*). Ora, será o próprio Nero a identificar a origem dos caracteres e a convocar especialistas para interpretar o conteúdo que, após ser entendido como um documento original, inédito e importante, é traduzido para o grego (*in Graecum sermonem ista transferri*). Deve-se observar, segundo Vega e López (2001), que aqui se confundem língua e alfabeto, como se o texto de Díctis estivesse com ambos em fenício. De fato, não se pode discernir do prólogo se a aceção de *litteras Punicas/Phoeniceis litteris* é referente apenas ao alfabeto utilizado ou se à língua como um todo.

Por fim, na epístola, lê-se:

<sup>7</sup> *Dictys, Cretensis genere, Gnoso civitate, isdem temporibus, quibus et Atridae, fuit, peritus vocis ac litterarum Phoenicum, quae a Cadmo in Achaia fuerant delatae. Hic fuit socius Idomei, Deucalionis filii, et Merionis ex Molo, qui duces cum exercitu contra Ilium venerant, a quibus ordinatus est, ut annales belli Troiani conscriberet. Igitur de toto hoc bello novem volumina in tilias digessit Phoeniceis litteris. [...] Haec igitur cum Nero accepisset advertissetque Punicas esse litteras, harum peritos ad se evocavit. Qui cum venissent, interpretati sunt omnia. Cumque Nero cognosset antiqui viri, qui apud Ilium fuerat, haec esse monumenta, iussit in Graecum sermonem ista transferri, e quibus Troiani belli verior textus cunctis innotuit.*



Dictis Cretense, que serviu na mesma expedição com Idomeneu, compôs um diário da guerra de Troia, originalmente com o alfabeto púnico, o qual então estava sendo popularizado por toda a Grécia pelo trabalho de Cadmo e Agenor. Depois de muitos séculos, por ser muito antigo, tendo colapsado o seu sepulcro perto de Cnosso, outrora sede do rei, pastores, como para lá se dirigissem, por acaso se depararam em meio às ruínas com um cofre fechado artisticamente com estanho e, convencidos de haver ali tesouro, logo o abriram. Apresentaram-se à luz não ouro nem qualquer outro despojo, mas livros feitos de filira. E, quando se frustrou a esperança, levaram-nos a Práxis, senhor da localidade; este, tendo-os transliterado para o alfabeto ático, pois se tratava da linguagem grega, apresentou-os a Nero, César romano, por quem foi grandemente recompensado pela ação. Chegando a nossas mãos esses opúsculos, apoderou-se de nós, ávidos de história verdadeira, o desejo de traduzi-los como estavam para o latim, não porque confiássemos em nossa capacidade, mas para que dissipássemos a desídia da alma ociosa. (*Ephemeris*, Epístola)<sup>8</sup>

Sob a voz de um romano, há a citação do alfabeto púnico (*primo conscripsit litteris Punicis*) e a referência a Cadmo como seu divulgador, agora acompanhado de Agenor (*quae tum Cadmo et Agenore auctoribus per Graeciam frequentabantur*). Esse Agenor seria irmão de Belo, filho de Líbia (da qual deriva o nome da região africana) com o deus Posídon e esposo de Telefaasa (ou Argiope), com a qual gerou Cadmo, Fênix, Cílice e Europa; conta-se que Agenor estabeleceu-se na Síria e reinou sobre Tiro e Sídon, enquanto seu irmão Belo governava sobre o Egito (GRIMAL, 2005, p. 15). O tradutor Septímio informa que Práxis mudou as letras para o paradigma ático, pois o idioma do texto já estava então em grego (*qui commutatos litteris Atticis, nam oratio Graeca fuerat*). Distinguem-se, aqui, a língua e a forma de grafá-la, diferente do que ocorreu no prólogo, mas semelhante ao texto narrativo.

Uma vez discernidas as passagens em que o alfabeto fenício aparece no *Diário*, cabe avaliar qual a implicação de sua menção para a construção da narrativa. De saída, deve-se ter em mente que nessa obra há uso elaborado do recurso “manuscrito reencontrado”, nomeado por García Gual (1996). Esse

8 *Ephemeridem belli Troiani Dictys Cretensis, qui in ea militia cum Idomeneo meruit, primo conscripsit litteris Punicis, quae tum Cadmo et Agenore auctoribus per Graeciam frequentabantur. Deinde post multa saecula collapsio per vetustatem apud Gnosum, olim Cretensis regis sedem, sepulchro eius, pastores cum eo devenissent, forte inter ceteram ruinam loculum stagno affabre clausum offendere ac thesaurum rati mox dissolvunt. Non aurum neque aliud quicquam praedae, sed libros ex philyra in lucem prodierunt. At ubi spes frustrata est, ad Praxim dominum loci eos deferunt, qui commutatos litteris Atticis, nam oratio Graeca fuerat, Neroni Romano Caesari obtulit, pro quo plurimis ab eo donatus est. Nobis cum in manus forte libelli venissent, avidos verae historiae cupido incessit ea, uti erant, Latine disserere, non magis confisi ingenio, quam ut otiosi animi desidiám discuteremus.*



tópico é utilizado, por exemplo, no romance de Umberto Eco, *O nome da rosa*, mas também não é nada incomum na literatura antiga (GUDEMAN, 1894; HANSEN, 2003; NÍ-MHEALLAIGH, 2008). Esse recurso visa à autenticação do relato que se apresenta mediante forja de um documento histórico comprobatório de um passado remoto conservado de alguma forma. Nesse sentido, a referência ao contexto linguístico e de letramento grego em que o alfabeto fenício/púnico tem papel essencial serve para ampliar a teia ficcional e tornar, com esse detalhe acurado da história da língua, mais verossímil o relato. Como comenta Ní Mheallaigh (2013), no que tange ao estatuto de verdade, a escrita fenícia remove o fenômeno potencialmente anacrônico do alfabeto grego numa época em que ela não deveria existir tal qual conhecida pelos autores clássicos, pois os poemas homéricos teriam sido exemplos primários do letramento grego. Logo, ainda segundo a autora, qualquer escrito que antecesse essa data, como é o caso dos anais de Díctis, deveria referir-se a outros idiomas ou mesmo a formas obscuras de escrita proto-grega, assim como a própria questão da materialidade (os livros escritos em tília, *tíliae*, pequenas tábuas, *tabellae* ou em filira, *phylira*). As letras fenícias, além disso, conferem um grau de mistério ao texto de Díctis, já que os pastores não conseguem ler os livros por conta dos caracteres estranhos à época (*tíliae incognitis sibi litteris conscriptas*; *Ephemeris*, Prologus). Em razão disso, os livros precisam passar por processos de desvendamento para que seu conteúdo seja completamente compreendido e seu valor estimado. Dessa forma, como bem observa a estudiosa, na construção ficcional de *Ephemeris*, o “diário original fenício” nunca se conservará materialmente, porque se perdera na trajetória após ser (ficcionalmente) transposto para a versão grega; ele é apenas um “texto-fantasma”, cuja existência vem conjurada apenas para ser “perdida na tradução” (NÍ MHEALLAIGH, 2013, p. 207).

Por fim, não se pode passar ao largo de uma hipótese que surge se colocada a cultura fenícia no prisma da intertextualidade com Homero. Ora, observou-se que, na *Odisseia* (XV, 415-416), um fenício é adjetivado como “velhaco”, mas também, em outras passagens, esse povo é caracterizado de modo semelhante. De Fasano (2019), em comentário à cena do canto XIV (288-291) da *Odisseia*, explica que essa passagem comporta uma refinada ironia, haja vista que Odisseu de muitos ardis insere em um relato falacioso a qualificação dos fenícios como expertos em enganos, e o faz com a voz de um cretense, povo que era tradicionalmente reconhecido como mentirosos (ZANUSSO, 2015; cf. Carta de Paulo a Tito, 1, 12). Não se pode, pois, negar que a tradição popular, assim como a literatura, não conserva fatos, mas símbolos derivados de fatos.



Dessa forma é que, preservado dessa tradição antiga, há em português, atestado pelo dicionário Aulete (online), no verbete “púnico”, um sentido figurado de “desleal, falso, desonesto”, assim como há a expressão “fé púnica” (*punica fides*) com significado semelhante a “deslealdade, falsidade”.

Dessa junção, como se poderia confiar em Díctis, um cretense que escreve com letras púnicas? Até mesmo etimologicamente o nome de Díctis reforçaria seu caráter cretense, haja vista que, segundo Frazer (1966, p. 11), derivaria de Dicta, nome de uma famosa montanha de Creta, da qual também procede em latim a denominação paralela “dicteus” para os cretenses. Não há como, com ampla certeza, confirmar a hipótese, mas, em grande medida, a intertextualidade permite entender em Díctis um verdadeiro “paradoxo do mentiroso” (PROSPERI, 2011). Esse fato, embora contraste com a evidente intencionalidade documental da narrativa, reforça seu estatuto ficcional, apontando, por fim, sua natureza pseudo-documental.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivou-se explorar o romance *Ephemeris belli Troiani* no que tange à presença fenícia no texto. Obra que trabalha intensamente com a intertextualidade do mito troiano e especialmente com Homero, *Ephemeris* apresenta os fenícios sempre ligados ao mar, reforçando a sua figuração histórica como grandes navegadores. Especial interesse houve na identificação do uso do alfabeto fenício na estrutura ficcional. Observou-se que ele serve como elemento de historicidade para reforço da verossimilhança da narrativa como uma crônica de guerra de uma testemunha ocular dos fatos narrados. Por fim, aventou-se a hipótese interpretativa de as letras púnicas serem mais um reforço do já suspeito caráter do narrador ficcionalizado, o cretense Díctis. A hipótese parece interessante, embora não haver espaço aqui para explorá-la mais a fundo. Espera-se que o presente artigo contribua para compreender como a literatura de ficção representa os fenícios, povo de extrema importância para o conhecimento da cultura e história antigas.



ARRUDA, Ana Margarida. Fenícios e púnicos em Portugal: problemas e perspectivas. *Cuadernos de Arqueología mediterránea*, n. 18, p. 13-24, 2008.

AUBET, María Eugenia. El sistema colonial fenicio y sus pautas de organización. *Mainake*, n. 28, 2006, p. 35-47.

AUBET, María Eugenia. **The Phoenicians and the West: politics, colonies and trade**. Trad. Mary Turton, 2ª ed., Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

**AULETE digital**. Dicionário online. Verbetes: “fē”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/f%C3%A9>. Acesso em: 15/10/2019.

**AULETE digital**. Dicionário online. Verbetes: “Púnico”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/p%C3%BAnico>. Acesso em: 15/10/2019.

BARTHES, Roland. O Efeito de Real. In: BARTHES, Roland. **Literatura e Semiologia**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1972.

BEEKES, Robert S. P. Kadmos and Europa, and the Phoenicians. *Kadmos*, Murcia, v. 43, n. 1, p. 167-184, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A história do alfabeto**. Campinas, SP: Editora Espiral, 1998.

CIOLFI, Lorenzo M. Libro quinto: traduzione e note. In: LELLI, Emanuele (Coord.). **L'altra Iliade. Ditti di Creta. Il diario di guerra di un soldato greco. Con la Storia della distruzione di Troia di Darete Frigio e i testi bizantini sulla guerra troiana**. Milano: Bompiani, 2015.

DE FASANO, Graciela C. Zecchin. Egipto, Fenícia, Creta: tres espacios-clave para el discurso etnográfico en *Odisea. Hélade*, Niterói, v. 5, n. 1, p. 115-130, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/helade/article/viewFile/29404/17111>. Acesso em: 17 dez 2019.

DE SOUZA, João Francisco. Considerações gerais sobre os fenícios. *Revista de História*, v. 26, n. 54, p. 309-332, 1963.

FRAZER Jr., R. M. (org.). **The trojan war. The Chronicles of Dictys of Crete and Dares the Phrygian**. Indiana: Indiana University, 1966.

GARCÍA GUAL, Carlos. Un truco de la ficción histórica: el manuscrito reencontrado. 1996. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bm-cwd489>. Acesso em 08 dez 2015.

GRIFFIN, Nathaniel Edward. **Dares and Dictys. An introduction to the study of medieval versions of the story of Troy**. Baltimore: J. H. Furst Company, 1907.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. Victor Jabouille. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUDEMAN, Alfred. Literary Frauds among the Romans. *Transactions of the American Philological Association*, Chicago, Vol. 25, 1894, p. 140-164.

HANSEN, William. Strategies of Authentication in Ancient Popular Literature. In: PANAYOTAKIS, Stelios; ZIMMERMAN, Maaike; KEULEN, Wytse (Ed.). **The Ancient Novel and Beyond**. Brill, 2003, p. 301-314.

HERÓDOTO. **História**. Trad. J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

HOMERO. **Odisseia**. Apresentação de Martin Richard, Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.



KOTSONAS, Antonis. Phoenicia, Phoenicians. In: BAGBALL, Roger S. et al (ed). **The Encyclopedia of Ancient History**, 2013, p.5297–5299.

LAPINI, Walter. I libri dell' Ephemeric di Ditti-Settimio. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, Bonn, Bd. 117,1997, p. 85-89

MERKLE, Stefan. News from the past. Dictys and Dares on the Trojan War. In. HOFMANN, Heinz. **Latin fiction: The Latin novel in context**. London: Routledge, 1999, p. 132-140.

MOVELLÁN LUIS, Mireia. Cuestiones genealógicas en la Ephemeric belli Troiani. In: **Conuentus Classicorum: temas y formas del Mundo Clásico: temas y formas del Món Clàssic**. Sociedad Española de Estudios Clásicos, 2017. p. 603-612.

MOVELLÁN LUIS, Mireia. **La crónica troyana de Dictis de Creta: trama épica y falsa historia**. Tese (doutorado). Universidad Complutense de Madrid - Facultad de Filología: Madrid, 2015.

NÍ MHEALLAIGH, Karen. "Lost in translation the Phoenician Journal of Dictys of Crete", In: WHITMARSH, T., THOMSON, S. (eds.), **The Romance between Greece and the East**, Cambridge, 2013, 196-210.

NÍ-MHEALLAIGH, Karen. Pseudo-Documentarism and the Limits of Ancient Fiction, **American Journal of Philology**, 129, 2008, p. 403–431.

PEINADO, Elisabet Gómez. **La Ephemeric Belli Troiani: Edición del texto y estudio de los aspectos filológicos e literarios**. Tese (doutorado em estudos clássicos), Faculdade de filosofia e letras da Universidad de Alicante, 2015.

PROSPERI, Valentina. Il paradosso del mentitore: ambigue fortune di Ditti e Darette . In: CAPODIECI, Luisa; FORD, Philip. **Homère à la Renaissance**, Paris, 2011, p.41-57.

SILVA, Gelbart Souza. **Ephemeric belli Troiani Dictys Cretensis: estudo e tradução**. Dissertação (Mestrado em Letras). 2019. 407f. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", câmpus de São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182250/silva\\_gs\\_me\\_sjrp.pdf?sequence=8](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182250/silva_gs_me_sjrp.pdf?sequence=8). Acesso em: 17 dez 2019.

THOMPSON, Diane P. **The Trojan War: literature and legends from the Bronze Age to the Present**. Jefferson: McFarland, 2004.

VEGA, Maria Felisa del Barrio; LÓPEZ, Vicente Cristóbal. Introducción. In. ANÔNIMO. **La Ilíada Latina, Diario de la guerra de Troya de Dictis Cretense y Historia de la destrucción de Troya de Dares Frigio**. Madrid: Gredos, 2001, p. 118-166.

YOUNG, Arthur M. **Troy and her legend**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1948.